

SEÇÃO: ARTIGOS

UMA PROPOSTA DE ACOLHIMENTO DO ESTUDANTE DO ENSINO SUPERIOR: O ALCE

Ana Cristina Fricke Matte¹

Adriane Teresinha Sartori²

Daniervelin Renata Marques Pereira³

RESUMO

O objetivo deste artigo é relatar uma experiência de criação e desenvolvimento do Ambiente Livre e Colaborativo do Estudante (ALCE), na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, em funcionamento desde o segundo semestre de 2017. O projeto partiu da dificuldade do estudante, por vários motivos, de inserir-se efetivamente em práticas acadêmicas que são exigência desse nível de ensino. Diante desse diagnóstico, com base em fundamentos da pedagogia crítica de Paulo Freire, da Cultura Livre e de multiletramentos, uma equipe de docentes da Faculdade propôs um ambiente de acolhimento *online* e presencial. O ALCE tem alcançado seus objetivos, por propiciar ao estudante da Faculdade sentir-se acolhido, participante efetivo de seu curso, respeitado na sua individualidade e motivado a colaborar com o outro.

Palavras-chave: Pedagogia crítica. Cultura Livre. Multiletramentos. Ensino Superior.

Como citar este documento – ABNT

MATTE, Ana Cristina Fricke; SARTORI, Adriane Teresinha; PEREIRA, Daniervelin Renata Marques. Uma proposta de acolhimento do estudante do ensino superior: o ALCE. *Revista Docência do Ensino Superior*, Belo Horizonte, v. 9, e002554, 2019. DOI: <https://doi.org/10.35699/2237-5864.2019.2554>.

Recebido em: 29/06/2018

Aprovado em: 19/02/2019

Publicado em: 09/05/2019

¹ Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil.

ORCID ID: <http://orcid.org/0000-0003-3286-7066>. E-mail: anacrisfm@ufmg.br

² Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil.

ORCID ID: <http://orcid.org/0000-0002-9536-3642>. E-mail: adrianesartori@ufmg.br

³ Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil.

ORCID ID: <http://orcid.org/0000-0003-1861-3609>. E-mail: drenata@ufmg.br

UNA PROPUESTA DE ACOGIDA DEL ESTUDIANTE DE LA ENSEÑANZA SUPERIOR: EL ALCE

RESUMEN

El objetivo de este artículo es relatar una experiencia de creación y desarrollo del Ambiente Libre y Colaborativo del Estudiante (ALCE), en la Facultad de Letras de la Universidad Federal de Minas Gerais, en funcionamiento desde el segundo semestre de 2017. El proyecto partió de la dificultad del estudiante por diversos motivos, de insertarse efectivamente en prácticas académicas que son exigencia de ese nivel de enseñanza. Ante este diagnóstico, con base en fundamentos de la pedagogía crítica de Paulo Freire, de la Cultura Libre y de multialfabetizaciones, un equipo de docentes de la Facultad propuso un ambiente de acogida en línea y presencial. El ALCE ha alcanzado sus objetivos, por propiciar al estudiante de la Facultad sentirse acogido, participante efectivo de su curso, respetado en su individualidad y motivado a colaborar con el otro.

Palabras clave: Pedagogía crítica. Cultura Libre. Multialfabetizaciones. Enseñanza Superior.

A PROPOSAL TO WELCOME HIGHER EDUCATION STUDENTS: THE ALCE

ABSTRACT

The objective of this article is to report an experience of creation and development of the Ambiente Livre e Colaborativo do Estudante (ALCE), in the Faculty of Letters of the Federal University of Minas Gerais, in operation since the second semester of 2017. The project started from the difficulty of the students, for various reasons, to insert themselves effectively in academic practices that are a requirement of this level of education. Facing this diagnosis, based on the fundamentals of Paulo Freire's critical pedagogy, Free Culture and multiliteracies, teachers of this university proposed an online and face-to-face welcome environment. The ALCE has achieved its objectives by enabling the student of the Faculty to feel welcome, effectively participant of its course, respected in their individuality and motivated to collaborate with the other.

Keywords: Critical pedagogy. Free Culture. Multiliteracies. Higher Education.

INTRODUÇÃO

O estudante de licenciatura, ao entrar na universidade pública, faz parte de uma parcela diminuta e privilegiada da sociedade e, consciente disso, sente-se empoderado. Esse sentimento, passadas as primeiras semanas de curso, geralmente não se mantém, porque sua inserção nesse grupo social é repleta de desafios nem sempre fáceis de serem vencidos: novas práticas, novos colegas, nova divisão de tempo e espaço, novas exigências. As universidades, por sua vez, nem sempre sabem acolher esse neófito aluno. Ao ignorarem os saberes pré-universitários e promoverem um saber superior, praticamente divinizado pela cultura acadêmica, o “da ciência pura”, determinam escalas de superação tão menos humanizadas quanto mais alto o degrau alcançado pelo sujeito. Deve-se tal situação à desigualdade de oportunidades para o estudante desde antes de entrar na universidade e que continua depois de sua saída. Como atingi-lo, auxiliá-lo nessa trama e re-empoderá-lo, aproveitando sua disposição e conhecimentos prévios para acrescentar a ele outros quesitos de empoderamento, desta vez acadêmicos?

Partindo dessa indagação, um grupo de professoras da Faculdade de Letras (FALE) idealizou a criação de um ambiente de acolhimento e convivência, aproveitando sua percepção de demandas dos alunos em disciplinas e orientações. Essa idealização fez surgir o Ambiente Livre e Colaborativo do Estudante (ALCE), e este artigo objetiva relatar a experiência de criação e desenvolvimento desse ambiente, iniciada em 2017, na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Tendo como aporte teórico o ideário de Paulo Freire, da Cultura Livre e de multiletramentos, o novo espaço foi batizado de ALCE, sigla que nos permite a leitura de dois sentidos diversos da palavra e alinhados à proposta: “alce”, mamífero que habita regiões frias, tradição de povos antigos da Europa, segundo a qual ele é símbolo dos que protegem e cuidam dos seus; e “alce”, imperativo do verbo “alçar”, que sugere ao sujeito que se eleve, que se coloque em posição mais alta. No caso do projeto que será apresentado, o segundo sentido não carrega a conotação de “sobrepor-se a alguém”; ao contrário, a palavra colaboração do título – colaboração, conforme Freire (2011), – imprime o desejo de auxílio mútuo, contrário à competição presente no mundo contemporâneo.

A partir dessas constatações, o presente trabalho descreve, na próxima seção, os problemas mais específicos motivadores da criação do ALCE e, em seguida, apresenta a compatibilidade epistemológica entre preceitos de Paulo Freire, da Cultura Livre e de multiletramentos, compondo o eixo fundador do ALCE como proposta. Finalmente, dedica-se à apresentação e à análise de atividades de formação e acolhimento empreendidas pela equipe de trabalho, a fim de auxiliar o estudante a superar suas dificuldades, a sentir-se acolhido na universidade e dela participar de forma integrada, por conhecer e dominar as práticas valorizadas nesse espaço.

O CONTEXTO DE CRIAÇÃO DO ALCE

A democratização do acesso ao ensino superior, fruto de políticas governamentais de governos passados, permitiu que estudantes de classes desfavorecidas economicamente, provindos de escolas públicas, ingressassem na universidade. Como exemplo, no final de 2016, a UFMG já contava com a maior taxa de egressos da escola pública na história da instituição: 55%, sendo notável que os ingressantes provenientes de escolas federais praticamente dobraram sua participação, enquanto os de escolas estaduais aumentaram de 33% em 2012 para 35% em 2016. De seus integrantes, 53% eram provenientes de famílias com renda de 1,5 salários mínimos; 1/3 de estudantes, em 2016, não era da capital mineira e, do total, 7% se autodeclararam pretos (7%) e pardos (6%) (ARAÚJO, 2016).

Esses números são sentidos pela comunidade acadêmica de diferentes formas; sobressaem-se, porém, atitudes que revelam preconceito contra ingressantes provenientes de famílias de baixa renda, estudantes de cor preta ou parda ou de ascendência indígena (LEMOS, 2018).

O ingresso desses estudantes provocou mudanças em todos os cenários acadêmicos, mas, sem dúvida, são eles, os discentes, os que mais sentem os reflexos de sua inserção em ambiente até então exclusivo das elites brasileiras. Inúmeros problemas foram e são enfrentados para participarem das novas práticas exigidas pela vida acadêmica.

Um dos principais advém do pressuposto de que sejam nativos digitais, concebendo-os como seres que estão em contato com as tecnologias digitais desde muito novos, o que seria facilitado pela grande expansão dessas tecnologias na sociedade da informação. Entretanto, sabemos que, embora muitos tenham nascido nesse contexto, alguns são privados desses artefatos tecnológicos por questões econômicas. Esses problemas geram dificuldades para que os estudantes se tornem aptos às exigências tecnológicas da vida acadêmica na atualidade pois, em muitos casos, fazem um uso muito básico de apenas alguns recursos digitais, sem grande questionamento sobre eles. Vale ressaltar que a falta de capacitação digital é o motivo de muitas desistências e baixo aproveitamento em disciplinas, sejam elas *online*, presenciais ou semipresenciais.

A UFMG, desde 2006, mantém a plataforma Moodle e, ao ingressar, o estudante é automaticamente cadastrado no “*minha.ufmg.br*”, um portal que integra todos os sistemas acadêmicos da Universidade. Se a condição de “nativo digital” for tomada como pressuposta, é natural que já nesse primeiro momento a exclusão comece a imperar entre os alunos recém-chegados.

Além disso, como representante de classes sociais alijadas de acesso a muitos bens, também culturais, o aluno é visto como portador de um suposto “déficit”, a ser corrigido por ele durante os anos da graduação, em relação aos quais é cobrado, mas raramente auxiliado. Assim, além de ter que se adaptar rapidamente à leitura de clássicos da literatura, tem

dificuldades com o uso da norma padrão na fala e na escrita, ampliando a sua imagem de “incapaz”.

Outro aspecto é a existência de poucos espaços não formais de colaboração, um problema que acomete não apenas as instituições de ensino superior, já que a lógica individualista desta era gera competição entre os homens, narcisismo, autoexposição, hedonismo individual, prazer imediato, fluidez dos relacionamentos e descompromisso com o outro. As consequências dessa forma de viver são visíveis e atingem os nossos jovens: violência, em suas várias formas de existência, inclusive *bullying*, isolamento, depressão e, até mesmo, atitudes extremas contra a vida.

Esses foram os principais problemas identificados que nos impulsionaram a propor um espaço que propiciasse uma convivência harmônica, de colaboração, e que servisse de suporte para as dificuldades enfrentadas pelo educando na realização de atividades em ambientes digitais e/ou de leitura e escrita, propiciando que se inserisse em práticas de letramento acadêmico de maneira confortável. O ALCE foi e é uma tentativa de construção de alternativa para os problemas e, antes de melhor apresentá-lo, faremos breve incursão por abordagens teóricas que fundamentam a proposta.

ASPECTOS TEÓRICOS RELEVANTES

Três pilares sustentam as ações do projeto ALCE: a pedagogia crítica freireana, a Cultura Livre e o conceito de multiletramentos. As três teorias estão inter-relacionadas, como veremos, embora analisem aspectos diferentes, visando a abarcar o máximo de elementos constituintes do complexo fenômeno com o qual estamos lidando.

Pedagogia crítica

Freire (2011) parte da constatação de que sociedades desiguais têm uma educação alicerçada em uma pedagogia das classes dominantes e é nesse contexto que identifica a concepção “bancária” de educação como instrumento de opressão. Relações narrativas, dissertadoras, caracterizam-na, marcada pela visão de que o professor deve “encher os educandos dos conteúdos de sua narração [...] conteúdos que são retalhos da realidade, desconectados da totalidade em que se engendram e em cuja visão ganhariam significação” (2011, p. 79-80). Essa concepção de educação conduz o aluno à memorização mecânica do conteúdo narrado (a palavra oca “doada” pelo professor), à passividade diante do próprio processo de aprendizagem, à alienação de sua ignorância, ao ajustamento ao já dado.

Para contrapor-se a essa visão de educação, ainda reinante também no ensino superior, Freire concebe a educação libertadora, na qual educando e educador aprendem, a partir do estabelecimento de relações dialógicas, a se humanizarem, movidos “pelo ânimo de libertar o pensamento pela ação dos homens uns com os outros na tarefa comum de refazerem o mundo e de torná-lo mais e mais humano” (2011, p. 91). Dessa forma, na proposta do autor,

não se trata de manter a pedagogia tradicional, que satisfaz aos interesses dos opressores, mas de criar uma concepção problematizadora de educação ou, como ele afirma, uma pedagogia do oprimido, “forjada *com* ele e não *para* ele na luta incessante de recuperação de sua humanidade” (p. 43, grifos do autor).

Ao falar em “oprimido”, Freire destaca que as formas de dominação não se reduzem à pressão de uma classe sobre a outra, porque a sociedade apresenta uma multiplicidade de relações contraditórias entre e no interior de seus inúmeros grupos. Nessa perspectiva, o autor reafirma a não existência de uma História pré-determinada, de um indivíduo “assujeitado” à realidade.

Para ele,

Não sou apenas objeto da História, mas seu sujeito igualmente. No mundo da *História*, da cultura, da política, *constato* não para me *adaptar* mas para *mudar*. No próprio mundo físico minha constatação não me leva à impotência. O conhecimento sobre os terremotos desenvolveu toda uma engenharia que nos ajuda a sobreviver a eles. Não podemos eliminá-los, mas podemos diminuir os danos que nos causam (FREIRE, 2011, 1996, p. 77, grifos do autor).

Freire afirma também que, sendo os homens seres em “situação”, encontram-se enraizados em condições tempo-espaciais que os marcam e que eles igualmente marcam. Esse homem social é responsável pela manutenção ou transformação do mundo em que vive, por isso o autor defende que a educação seja libertadora, para que a transformação seja possível.

Cultura Livre

Não é possível analisar a História que está sendo construída neste momento sócio-histórico, sem considerar a importância do surgimento da internet e suas tecnologias. Como bem lembra Freire (2011), não se trata de divinizar ou diabolizar a tecnologia ou a ciência, sendo tal atitude altamente negativa e perigosa; trata-se de analisá-la e percebê-la nas suas implicações de produto histórico-cultural. Discutir tecnologias e seus usos exige que pensemos na cultura, mais especificamente a Cultura Livre, na concepção comum às comunidades de *software* livre, arte e educação, definida como: “o conjunto de trabalhos intelectuais disponíveis para serem livremente acessados, estudados, modificados e redistribuídos inclusive comercialmente” (BELISÁRIO, 2012, p. 89).

Alencar (2012), baseado na visão de educação de Freire, defende que o compartilhamento de conhecimento é a forma tradicional de operação da humanidade sobre o saber e que, somente com uma cultura do mercantilismo, o conhecimento passa a ser um objeto de uso restrito e, quase dicotomicamente, o partilhável passa a exclusivo. Com o advento de tecnologias de compartilhamento de arquivos e informações na internet tomando conta – e mesmo sendo mote da criação – das redes sociais, o ato de compartilhar passou a ser vendido

como ilegal, privilegiando-se interesses comerciais em detrimento de interesses universais e sociais. Nenhum conhecimento é construído sem uma longa trajetória de formulações e reformulações compartilhadas, discutidas e reinventadas na História da humanidade: considerar o conhecimento como propriedade equivale a negar essa História e excluir da rota de evolução todo aquele que não tiver acesso a esse conhecimento aprisionado em livros e artigos com licenças proprietárias e restritivas.

Nesse sentido, a opção pelas soluções abertas (Recursos Educacionais Abertos, incluindo *softwares* livres) favorece a reflexão sobre coerções impostas por monopólios de empresas no modo de se relacionar com as tecnologias (sistemas operacionais proprietários nos deixam reféns do funcionamento do seu código fonte e da resolução de seus problemas, por exemplo), nas propriedades intelectuais (quem é beneficiado?).

Para seguir os princípios da Cultura Livre, é preciso oferecer, sobre os objetos culturalmente produzidos, liberdade de uso, modificação, adaptação e distribuição a todos. Essa liberdade de uso favorece toda a comunidade, a qual mantém a própria universidade como bem comum. Entretanto, a estrutura conservadora da universidade dita muitos de seus fazeres e, em virtude disso, muitos projetos alimentam, ao contrário, uma cultura da permissão, em que direitos autorais, nomeadamente *copyright* e patentes, e comercialização do acesso ainda são práticas fortemente naturalizadas.

A criação de um ambiente de acolhimento deveria, portanto, estimular a reflexão sobre essas questões, ao mesmo tempo em que estimulasse a emergência de pequenas comunidades locais em torno de interesses compartilhados.

Multiletramentos

O conceito de letramento, que em nada difere da concepção de alfabetização de Freire (1989, 2011, 2013), ganha corpo no final dos anos 1980, em diversas áreas, reafirmando ideias sobre “cultura”, a partir do pressuposto de que cada grupo social cria suas próprias práticas de utilização de textos/discursos escritos, com valorações sociais significativas a ele.

Em 1996, diante da diversidade cultural e de linguagens povoando as escolas de todo o mundo, o Grupo de Nova Londres publica o manifesto intitulado “A Pedagogia dos Multiletramentos – desenhando futuros sociais” (COPE e KALANTZIS, 2000), no qual explicita a necessidade de a escola assumir o trabalho com novos letramentos, emergentes na sociedade devido às Tecnologias da Informação e da Comunicação, e de incluir nos currículos as variadas culturas nela presentes, evitando a intolerância com a diversidade.

No século XXI, Cope e Kalantzis (2009) argumentam que os sujeitos são mais requisitados como trabalhadores, cidadãos a serem cada vez mais usuários, atores, criadores e consumidores exigentes, ao invés de espectadores, delegados, audiências ou consumidores quiescentes. Esses autores (2009) explicam que, na pedagogia de multiletramentos, todas as

formas de representação devem ser consideradas processos dinâmicos de transformação e não processos de reprodução. Os produtores, segundo Cope e Kalantzis (2009), não só replicam essas formas de representação, mas também retrabalham-nas, tornando-se transformadores de sentido, com uma sensibilidade aberta às diferenças, à mudança e à inovação.

Um elemento importante no processo de multiletramentos são, então, as modalidades e as múltiplas relações entre elas. Gee (1996) e Kress (2003), citados por Cope e Kalantzis (2009, p. 175-176), mencionam como importantes na produção de sentidos: o modo (linguístico, visual, áudio, gestual, tátil e espacial), gênero (a forma que o texto tem) e o discurso (a forma que a produção de sentido toma na instituição social). Nesse processo de multiletramentos, é necessário contemplar ainda o multilinguismo (para além da abordagem da norma padrão) e os multiculturalismos (valorizar identidades das comunidades ao mesmo tempo em que se abre para conhecer outras), uma vez que essas variedades também colaboram para enriquecer o processo de aprendizagem que os vários textos e práticas contemporâneos demandam.

Em síntese, as teorias da pedagogia crítica e dos multiletramentos, em consonância com os preceitos da Cultura Livre, convergem para valores que favorecem a emancipação do sujeito, estando atreladas a uma educação libertadora, não reprodutora, ao uso de tecnologias livres, não proprietárias, à compreensão das culturas diversas que constituem o mundo contemporâneo e da necessidade da tolerância ao diferente. Essas ideias embasaram a criação do ALCE.

O AMBIENTE LIVRE E COLABORATIVO DO ESTUDANTE (ALCE)

A ideia da criação do ambiente foi discutida com dois órgãos da UFMG e foi muito bem recebida pela Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE) e pela direção da Faculdade de Letras; ambos concederam bolsas a alunos para auxiliar os docentes da Letras a implementar o trabalho a partir do segundo semestre de 2017, inicialmente como projeto-piloto. Ademais, a direção da FALE concordou em disponibilizar o espaço do Colegiado de Graduação do Moodle, para a criação do ALCE. Esse fato possibilitou que qualquer aluno matriculado na Faculdade tivesse acesso ao ambiente *online*, sem qualquer tipo de registro/inscrição complementar. O acesso é feito via página MinhaUFMG, abaixo do espaço reservado às disciplinas nas quais o aluno se matriculou no semestre. Sob o título “Meus colegiados”, espaço concedido pela Faculdade de Letras, o Moodle do ALCE fica bem visível e acessível a todos os alunos do curso de Letras, conforme pode ser percebido na Figura 1:



Figura 1 – localização do ambiente ALCE no espaço MinhaUFMG.

Fonte: das autoras.

Ao idealizá-lo, era necessário considerar que o ambiente tecnologicamente mais avançado pode ser palco da educação mais conservadora (MATTE, 2009). Coerentes com a perspectiva de Freire (2011), então, na criação do ambiente ALCE no Moodle, optamos por organizá-lo na filosofia da Cultura Livre, segundo a qual todo bem cultural, científico e tecnológico produzido deveria pertencer a toda a sociedade. Buscamos também uma perspectiva crítica de uso dos recursos digitais, por exemplo, com consciência de suas potencialidades e limites, de formas de se apreender não apenas o uso técnico desses recursos, mas suas implicações sociais, econômicas e éticas. Adotamos ainda uma mudança de postura na relação com o conhecimento, pois a oportunidade de criar e transformar é enfraquecida em um mundo em que a criação e seu acesso pelo outro exigem permissão (LESSIG, 2005).

Sem esses princípios, o ambiente se transformaria em um recurso paternalista para acolher os alunos que obedientemente seguissem a dinâmica proposta, na oposição de uma proposta de emancipação consciente para a autonomia. O Moodle foi escolhido ainda por permitir, com seus diversos recursos, a criação de um espaço interativo em que o aluno pudesse desenvolver multiletramentos, ao responder a enquetes, publicar notícias que considera relevantes, ter acesso a notícias atualizadas, especialmente sobre acontecimentos da Faculdade de Letras e da própria UFMG, criar e participar de debates abertos, compartilhar e encontrar recursos abertos para sua área de atuação, ensinar/aprender em salas de aula digitais, conhecer e dialogar com seus pares. Dessa forma, abrimos o ambiente para vários gêneros, culturas e reflexões linguísticas para torná-lo mais adequado ao contexto dos alunos.

Embasadas nessas ideias, destacamos algumas das propostas implementadas no Ambiente pela equipe docente e mais detalhadas na sequência do texto:

- Módulo Somos: enquetes sobre características individuais, sobre cor, sexo, religião e outras, respostas anônimas, que permitem, por meio de gráficos, visualizar a diversidade dos participantes. Complementando essa atividade anônima, temos um fórum que pergunta: “Quem é você?”, permitindo que o estudante possa, caso seja seu desejo, identificar-se.
- Módulo Praça: atividades que estimulam a participação, como glossários e fóruns; visa ao compartilhamento de gostos culturais diversos e disponibiliza atividades culturais promovidas pela equipe.
- Módulo Orientação: informações úteis para os estudantes sobre a Faculdade e a Universidade; participação voluntária na equipe ou atividades como as oficinas.
- Módulo Escrita: materiais e recursos dinâmicos para aprendizagem da escrita acadêmica e realização de trabalhos de escrita colaborativa.
- Módulo Repositório: tutoriais de instalação e uso de *softwares* livres.
- Módulo Projeto: projetos em desenvolvimento, como palestras e mostras de talentos, dos quais os Alces podem participar.
- Módulo Oficinas: materiais necessários para as oficinas presenciais e semi-presenciais do projeto ALCE.
- Módulo Inscrições: espaço para que os Alces possam realizar cadastro antecipado nas atividades e garantir certificados.
- Módulos de Estudo Específico: são criados a partir da solicitação dos alunos para estudos relacionados a disciplinas oferecidas na Faculdade. Contêm fórum para debate, recursos para escrita colaborativa, glossário e diretório com arquivos de textos teóricos de apoio. Um exemplo é o atual “Semiótica”, criado para um grupo de estudantes que realizam estudos na área.
- Módulo Mapa: organização visual e esquemática do espaço do ALCE, que facilita a melhor compreensão de onde cada recurso está localizado.
- Módulo Cozinha: ambiente de interação entre os membros da organização e nenhum de seus elementos fica visível para os Alces.

A seguir, é possível ver como esses módulos aparecem no ambiente, sendo sua configuração proposta e realizada pelos bolsistas do projeto (estudantes da Letras), discutida e avaliada constantemente em equipe, com a presença das professoras coordenadoras.

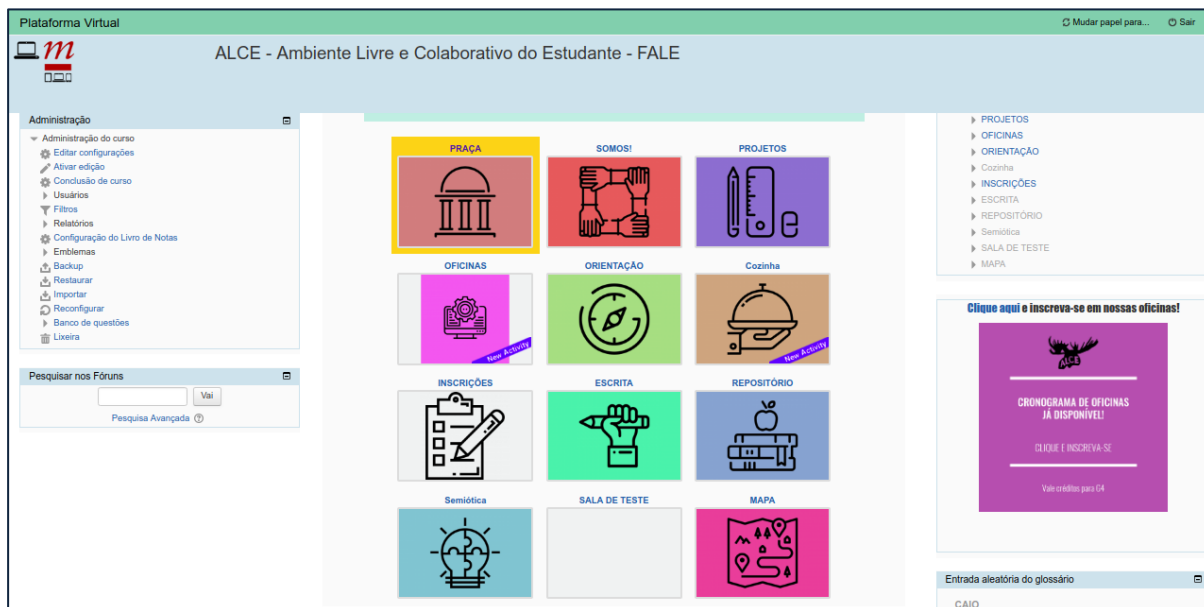


Figura 2 – organização interna do ambiente ALCE no Moodle.

Fonte: das autoras.

A escolha de todos os *plugins* e recursos nativos do Moodle para a criação desses módulos teve como premissas a acessibilidade, o estímulo à participação colaborativa e a valorização do compartilhamento do conhecimento. O apoio do Centro de Computação da UFMG (CECOM) foi essencial para viabilizar a proposta.

Letramento digital e formação transdisciplinar

Diante da dificuldade do estudante de trabalhar em ambientes digitais, optamos por criar e ministrar cursos e oficinas presenciais de letramento digital que buscaram dirimir dúvidas quanto às dificuldades de utilização de editores de textos, *slides* e do próprio Moodle. O curso e as oficinas foram criados também de acordo com essa postura didática, permitindo que os estudantes que atuam como monitores pudessem participar de todas as etapas de elaboração dos encontros e de materiais didáticos. Desse modo, o ALCE promove a ampliação de conhecimentos dos próprios monitores em oficinas como:

- Sistema *online* de bibliotecas: apresenta as opções de consulta e acesso ao conhecimento nas bibliotecas da Universidade, com foco no uso das ferramentas disponibilizadas pela UFMG e seu alcance em termos de inclusão daqueles estudantes sem condições para comprar livros e periódicos;
- Moodle – ALCE: apresenta o Ambiente Livre Colaborativo do Estudante (de Letras) para o público-alvo, indicando formas de aproveitamento dos seus recursos colaborativos;
- Editor de textos: apresenta e discute sobre o *software* livre para edição de textos *LibreOffice Writer*, com foco nos usos mais frequentes e necessários à vida acadêmica, incluindo *plugins* para verificação ortográfica e correção gramatical;

- ABNT: apresenta e discute sobre as normas mais comumente aceitas em periódicos da área de Letras para apresentação de referências;
- Planilha (*calc*): apresenta e discute sobre o *software* livre para edição de planilhas *LibreOffice Calc*, com foco em atividades frequentes de uso de planilhas na Letras;
- Letramento Visual I e II: apresenta e discute noções de design e de artes visuais tendo em vista sua aplicação em trabalhos acadêmicos (tais como produção de *slides*) e criação de identidades visuais na internet;
- Libras: apresenta e discute sobre a Língua Brasileira de Sinais e seus princípios, tendo em vista a inclusão social do estudante surdo na Universidade.

As oficinas presenciais são ministradas pelos bolsistas do projeto, graduandos, para estudantes do curso de Letras, especialmente calouros. São utilizados, para isso, laboratórios de informática da Universidade. Dessa forma, incentivamos o protagonismo dos estudantes e uma interação em linguagem mais próxima entre os ministrantes da oficina e os interessados em delas participar. Os temas das oficinas foram escolhidos pelos próprios monitores, com base no conhecimento das dificuldades iniciais que sentiram e que percebem nos seus colegas. Levam em conta ainda a necessidade de contemplar questões específicas que nem sempre são abordadas ou esgotadas nas disciplinas ofertadas no curso.

Face à necessidade de dar acesso a novas práticas de letramento acadêmico utilizando diferentes gêneros, disponibilizou-se no Ambiente materiais que ajudassem o estudante a redigir textos, escrevendo em língua padrão. Nesse sentido, foram alocados os recursos da Grateli (Gramática Aberta do Texto Livre) e outros com foco específico, como o *Vírgulas para que te quero* e o *Crases*, todos de acesso aberto e desenvolvidos pelo grupo Texto Livre⁴.

Atividades culturais para socialização

Como já dito, os alunos da FALE têm poucos espaços não formais para se conhecerem e socializarem suas experiências. Um muito conhecido é uma página da rede social Facebook, em que tiram dúvidas, divulgam eventos e expressam suas opiniões sobre o curso e questões do curso. O ALCE se propõe a ser um espaço alternativo para o encontro entre os alunos. Para isso, eventos foram criados, de forma a permitir o “alçar” do nosso aluno, dando visibilidade, valorizando e legitimando o que ele sabe fazer fora dos muros escolares. Temos poetas, músicos, dançarinos, cantores, declamadores, contadores de história, e a eles foi dado espaço na Mostra de Talentos dos Estudantes de Letras – MOTEL. Foram organizadas duas edições desse evento: uma em outubro de 2017 e outra em maio de 2018, com crescente participação de alunos e ex-alunos da FALE. Muitos deles manifestaram, ao subir ao palco, seu

⁴Cf. <http://textolivres.org>

contentamento por encontrarem na Letras um espaço em que pudessem apresentar suas obras (poemas, canções, curtas-metragens etc.).

Outro evento idealizado foram as Atividades Amarelas, que ocorrem em datas comemorativas ou em ocasiões em que os membros do projeto sentem necessidade de aproveitar um momento para comunicar uma mensagem positiva. Foram realizadas atividades nesse sentido durante o Setembro Amarelo, em 2017, com troca de mensagens de carinho entre os discentes e escritas de forma anônima: uma urna foi colocada na entrada do prédio para que os transeuntes deixassem mensagens de carinho. Após alguns dias, a equipe recolheu a caixa, leu e colou os recados em cartolinas amarelas que foram afixadas em locais mais acessados do prédio, para que todos lessem e levassem alguma mensagem se quisessem. Outra atividade amarela ocorrida em 2017 foi a doação de livros com mensagem de incentivo à leitura. Em 2018, organizamos o “Pipocando”, para apresentar o projeto, sobretudo aos calouros, acolhendo-os no ambiente físico usado para o projeto, a sala 3097 da Faculdade de Letras. Os horários disponíveis para esse acolhimento são divulgados pelos bolsistas no Moodle e os visitantes podem aproveitar o momento de interação para tirar algumas dúvidas, conversar, ver um filme e comer pipoca.

A equipe do projeto criou também sessões de cinema. Na primeira experiência, em 7 de outubro de 2017, houve a exibição do documentário “Nunca me sonharam”, sobre a realidade do ensino médio em escolas públicas. Foi projetado no ALCE em horário previamente agendado, seguido de discussão em *chat*. Para 2018 e 2019, foi criado um cronograma de filmes (um por mês) para debate via fórum do ambiente ALCE.

Outras ações foram realizadas em 2018, reforçando a construção de alternativas para a problemática que se apresenta. Uma delas, planejada para 2019, será a sessão de autógrafos coletivos, na qual alunos escritores da FALE terão espaço para divulgação de seus livros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A equipe do projeto ALCE tem amadurecido sua proposta desde seu surgimento, em 2017, definindo melhor seu foco e limites de atuação. Gradativamente, vem priorizando atividades de letramento digital, recepção e socialização dos estudantes da Faculdade de Letras da UFMG, buscando melhorar a convivência de toda a comunidade dessa Faculdade.

A análise preliminar de dados objetivos⁵, como o número de acesso aos espaços do ALCE, revela que há grande curiosidade do aluno de Letras em saber quem é seu colega, considerando que o fórum “Quem é você” foi o mais acessado nos primeiros meses de funcionamento do Ambiente, seguido do fórum “Notícias Acadêmicas” (ambos dentro do Módulo Praça). As atividades de letramento digital, especialmente as oficinas sobre o Moodle

⁵ Ressalta-se que o objetivo deste trabalho é relatar o processo de criação do ALCE e seus pressupostos, não os resultados alcançados.

e editores de textos, as mais procuradas no início do projeto, propiciaram ao discente instrumentos para acompanhar a vida acadêmica com certa tranquilidade. As atividades do Setembro Amarelo, sobretudo as mensagens de carinho (escritas de forma anônima) foram muito comentadas pelos discentes, criando um clima propício a sentirem-se acolhidos, integrantes da Faculdade de Letras.

A experiência ALCE tem sido significativa para todos os participantes: professores, que precisam aprender a ouvir e conhecer mais seus educandos; bolsistas, que assumem a responsabilidade de autoria do que acontece no ambiente; demais estudantes, que têm encontrado respostas para suas dúvidas acadêmicas e têm conversado com seus pares. Dessa forma, é possível dizer que o ALCE tem atingido seu objetivo precípuo.

Um dos desafios do projeto é a pró-atividade dos monitores-bolsistas, já que, por longo tempo, foram acostumados a sempre esperar as decisões dos professores. Mudanças na cultura escolar não são simples e rápidas, há necessidade de tempo para construí-las. Temos clareza de que, na medida em que tomam a voz, o projeto tem maior potencial para atingir os alunos da Faculdade, numa linguagem mais própria, com diálogo sobre questões relevantes para esse público.

Para finalizar, vale a ressalva de que o ALCE surge como alternativa viável para qualquer instituição de ensino com interesse em favorecer a inclusão, a colaboração e o respeito⁶.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Anderson Fernandes de. *Compartilhamento do conhecimento: desafios para a educação*. 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2012. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-30012014-102711/pt-br.php>. Acesso em: 31 maio 2018.

ARAÚJO, Ana Rita. *Efeito regressivo inicial do Sisu na inclusão socioeconômica foi revertido com integralização da Lei de Cotas*. Portal de notícias da UFMG, dez. 2016. Disponível em: <https://www.ufmg.br/online/arquivos/046195.shtml>. Acesso em: 1 jun. 2018.

BELISÁRIO, Adriano. Sobre guerrilhas e cópias. In: BELISÁRIO, Adriano; TARIN, Bruno (org.). *Copyfight: pirataria e culture livre*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2012, p. 75-92. Disponível em: <https://crabgrass.riseup.net/assets/118853/COPYFIGHT%20web.pdf#page=76>. Acesso em: 7 jun. 2018.

⁶ Um *backup* do ambiente no Moodle, para adaptação às diferentes realidades dos diferentes cursos, pode ser solicitado pelos e-mails da equipe docente responsável por sua idealização, também autoras deste relato. A página <http://alce.lettras.ufmg.br> é aberta ao público e permite conhecer as atividades em andamento.

COPE, Bill; KALANTZIS, Mary. *Multiliteracies – Literacy Learning and the Design of Social Futures*. New York: Routledge, 2000.

COPE, Bill; KALANTZIS, Mary. Multiliteracies: new literacies, new learning, *Pedagogies: An International Journal*, London, v. 4, n. 3, p. 164-195, 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/15544800903076044>. Acesso em: 2 maio 2018.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 4).

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 50. ed. rev. e atual. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GEE, James Paul. *Social linguistics and literacies: Ideology in discourses*. London: Taylor and Francis, 1996.

KRESS, Gunther. *Literacy in the new media age*. London: Routledge, 2003.

LEMOS, Zirlene. Estudantes expõem situações de discriminação e falta de diálogo. Portal de notícias da UFMG, maio 2018. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/estudantes-expoem-situacoes-de-discriminacao-e-falta-de-dialogo>. Acesso em: 1 jun. 2018.

LESSIG, Lawrence. *Free culture: how big media uses technology and the law to lock down culture and control creativity*. New York: The Penguin Press, 2005.

MATTE, Ana Cristina F. Análise semiótica da sala de aula no tempo da EAD. *Revista Tecnologias na Educação*, v. 1, 2009. Disponível em: <http://tecnologiasnaeducacao.pro.br/wp-content/uploads/2015/07/pal4-vol1-dez-20091.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2015.

Ana Cristina Fricke Matte

É professora da Faculdade de Letras da UFMG, pesquisadora na área de Linguagem e Tecnologia, semiótica com mestrado e doutorado pela FFLCH/USP e pós-doutorado em Fonoestilística pela UNICAMP. Leciona disciplinas *online* desde 2005, sempre utilizando recursos abertos e software livre. É autora do livro "Sementes de Educação Aberta e Cultura Livre" (Pedro & João Editores, 2018) e diretora do Grupo Texto Livre.

anacrisfm@ufmg.br

Adriane Teresinha Sartori

É doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e professora da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Dedicou-se à formação de professores em projetos de pesquisa/extensão, na graduação em Letras e no mestrado profissional em Letras (Profletras-UFMG). Interessa-se, sobretudo, por ensino de leitura e produção escrita em perspectivas críticas de educação.

adrianesartori@ufmg.br

Daniervelin Renata Marques Pereira

É doutora em Letras pela Universidade de São Paulo, mestre em Linguística Aplicada e licenciada em Português/Francês pela Faculdade de Letras/UFMG. É professora da Universidade Federal de Minas Gerais. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Linguística Aplicada, atuando principalmente nos seguintes campos: Ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, Semiótica Discursiva, Linguagem e Tecnologia, Recursos Educacionais Abertos e Gêneros Digitais.

drenata@ufmg.br